

Apropriação da cultura gay: Impactos na identidade cultural da comunidade LGBTQIAP+

João Pedro Garcia Vieira¹

Jéssika Damásio²

Resumo: Neste artigo, é abordada a temática da apropriação cultural e seu impacto sobre as identidades culturais, com uma atenção especial voltada para as identidades homossexuais masculinas. A pesquisa qualitativa e exploratória se propõe identificar a complexa interação entre cultura e identidade na moldagem das identidades individuais e nas dinâmicas de poder. Examina-se, a partir da revisão bibliográfica, o fenômeno da apropriação cultural, no qual elementos são assimilados por grupos dominantes, ressaltando-se a importância de considerar o contexto histórico e político no entendimento desse processo. Desta forma, a análise de conteúdo realizada buscou identificar a implicação do fenômeno da apropriação cultural aplicada a homossexualidade masculina. Promovendo uma análise crítica da apropriação cultural e de suas implicações, ao mesmo tempo em que questiona a autenticidade representativa e os esforços midiáticos em prol da diversidade.

Palavras-chave: Apropriação Cultural; Identidade Cultural; Heteronormatividade; LGBTQIAP+

Abstract: In this essay, the theme of cultural appropriation and its impact on cultural identities is explored, with a specific focus on male homosexual identities. This qualitative and exploratory research aims to identify the complex interaction between culture and identity in shaping individual identities and power dynamics. Through a literature review, the phenomenon of cultural appropriation is examined, where elements are assimilated by dominant groups, highlighting the importance of considering the historical and political context in understanding this process. Consequently, the conducted content analysis sought to identify the implications of cultural appropriation as applied to male homosexuality. This work promotes a critical analysis of cultural appropriation and its implications, while also questioning the representational authenticity and media efforts in support of diversity.

Keywords: Cultural Appropriation; Cultural Identity; Heteronormativity; LGBTQIAP+

¹ Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves (UNIPTAN).
E-mail: jpedrogarcia@ymail.com

² Psicóloga e Mestra em Psicologia Social pela Universidade Federal de São João del Rei (PPGSI/UFSJ), professora auxiliar do departamento de Psicologia do Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves (UNIPTAN), e professora substituta pela Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ – 2/2023 à 1/2024).

E-mail: jessika_pd@hotmail.com

Introdução

A apropriação cultural representa um fenômeno que implica na assimilação e utilização de elementos culturais por parte de uma cultura, frequentemente mais dominante, sem a apropriada apreensão das raízes e conotações desses elementos (Pinheiro, 2015). Apesar de recente, essa dinâmica tem suscitado desafios em numerosas comunidades empenhadas na salvaguarda de suas heranças culturais. Nesse sentido, o presente estudo propõe-se a investigar os processos subjacentes à apropriação cultural no contexto da cultura LGBTQIAP+, e a sua interligação com questões pertinentes ao processo de construção das identidades sociais, bem como a expropriação da história viva desta comunidade.

Com o propósito de atingir esse intento, o estudo empregou uma abordagem metodológica de caráter qualitativo e exploratório, visando à compreensão e interpretação de fenômenos de natureza social e humana. A pesquisa exploratória foi adotada como uma das etapas do método qualitativo, almejando a investigação aprofundada do tema de estudo, a identificação de questões significativas e a delimitação do escopo da pesquisa (Ferreira e Pereira, 2014).

O objetivo foi a identificação de casos concretos de apropriação cultural e a análise de sua relação com a ocultação da história da comunidade, contribuindo assim para a perpetuação da supremacia das classes sociais dominantes, com repercussões diretas sobre a comunidade LGBTQIAP+. Este procedimento visa, através de sua execução, aprimorar substancialmente o corpo de conhecimento relacionado ao tema em discussão e promover a formação de conceitos que fortaleçam as emergentes identidades culturais.

Identidade E Sociedade

"Identidade é movimento, é desenvolvimento do concreto. Identidade é metamorfose. É sermos o um e um outro, para que cheguemos a ser um, numa infundável transformação" (Ciampa, 1989, p. 74).

Para uma compreensão mais aprofundada do conceito de identidade, como formada pelos grupos aos quais se pertence, é necessário refletir sobre como um grupo existe objetivamente. Um grupo pode, de fato, ter uma existência objetiva, como é o caso de uma classe social. No entanto, seus membros podem não se considerar como integrantes desse grupo e, igualmente, podem não se reconhecer mutuamente como tal. Sua existência se materializa por meio das relações estabelecidas entre seus membros e o ambiente em que estão inseridos, ou seja, por meio de sua prática coletiva, sua ação conjunta (Ciampa, 1989).

A partir desta abordagem, afirma-se que o próprio grupo se configura como uma experiência histórica, que se desenvolve em um contexto espaço-temporal específico, como resultado das interações cotidianas. Simultaneamente, essa perspectiva destaca a capacidade do grupo em incorporar diversos aspectos gerais da sociedade, manifestados nas contradições que emergem dentro do próprio grupo. Isso se traduz na articulação entre elementos pessoais, características grupais, vivências subjetivas e a realidade objetiva (Martins, 2007). Nesse contexto, surge a questão fundamental: o que exatamente constitui a identidade?

Nussbaumer (2001) afirma que as identidades são produzidas através da atribuição de diferenças distintivas, que podem ser estabelecidas por meio de sistemas simbólicos de representação ou por meio de mecanismos de exclusão. A construção das identidades é inextricavelmente ligada a esses processos, uma vez que as diferenças que são demarcadas por sistemas classificatórios desempenham um papel fundamental na formação e manutenção de identidades individuais e coletivas (Woodward, 2000 *apud* Nussbaumer, 2001). Nussbaumer (2001), em concordância com Ciampa (1989), afirma que a identidade de um indivíduo é um construto social e não é inata.

Conseqüentemente, emerge uma diferenciação crucial entre o objeto que representa a identidade e o ato de representá-lo, ambos concebidos como fenômenos sociais. Essa perspectiva implica que tais objetos não possuem características de permanência intrínseca e não podem ser considerados independentes um do outro. "(...) a individualidade dada já pressupõe um processo anterior de representação que faz parte da constituição do indivíduo representado" (Ciampa, 1989, p.65).

Dessa maneira, surge uma expectativa generalizada de que os indivíduos devem ajustar seu comportamento em conformidade com a identidade que eles próprios declararam, com a correspondente expectativa de serem reconhecidos e tratados de acordo com essa identidade auto afirmada. Isso implica, em certo sentido, que reforçamos essa identidade preexistente por meio de rituais sociais que a solidificam como algo estático, retirando-lhe a dimensão histórica e aproximando-a de uma concepção que se assemelha a um mito prescritivo de normas de conduta apropriadas, contribuindo, dessa forma, para a perpetuação das normas sociais (Ciampa, 1989).

Esse complexo jogo de reflexões interconectadas que serve como base para as dinâmicas das relações sociais é mantido através da ação dos indivíduos. Pode-se afirmar que as identidades, em sua totalidade, não apenas refletem a estrutura social, mas também exercem uma influência recíproca sobre ela, contribuindo para sua manutenção ou transformação. As ações dos indivíduos cujas identidades são reconhecidas, são reguladas de

forma a preservar a estrutura social, ou seja, a manter as identidades previamente estabelecidas. Dessa forma, a identidade, que é moldada por um contínuo processo de identificação, é frequentemente percebida como algo estático e dado, em vez de ser vista como um processo dinâmico que reflete as mudanças no contexto social (Ciampa, 1984).

Nussbaumer (2001) afirma que no processo de formação de identidades é notável uma tendência em manter a ordem social através da criação de divisões binárias, nas quais categorias que representam transgressões são marginalizadas e consideradas como "forasteiras", garantindo, assim, o controle social desejado. Essas divisões são diversas e podem incluir, dentre outras, a categorização entre heterossexuais e homossexuais. Essa obsessão leva a um processo de incorporação dessas sexualidades ao discurso médico, psiquiátrico e jurídico, que busca classificá-las, estudá-las e controlá-las de forma mais precisa (Foucault, 1999). Nessa esteira, Molina (2011) afirma que para a produção de conhecimento sobre a homossexualidade e, também, sobre a necessidade de desconstrução de papéis sexuais do masculino e feminino:

[...] devemos repensar a representação e os discursos de identidade, do conhecimento e do poder cultural que circulam no aparato do saber/poder na sociedade, para que possamos (re)analisar e (re)construir o discurso da própria sexualidade (p.952).

Adiante, pode-se apresentar à discussão o fenômeno da heterossocialização, sobretudo na fase da infância. Conforme apontado por Finco (2012), desde cedo há um diálogo sobre a dualidade entre o sexo masculino e feminino, e, em particular, na fase da infância. A consolidação dos estereótipos masculinos e femininos no cotidiano resulta na criação da menina e do menino que são considerados "legítimos" ou "normais", e, conseqüentemente, na classificação e hierarquização das diversas práticas, que culminam em uma distinção entre comportamentos "anormais" e "normais". Dessa forma, essa classificação acarreta uma divisão rígida, que está associada à identidade sexual futura da criança e tem um impacto na configuração e surgimento das identidades e subjetivação desses sujeitos.

A nossa sociedade não apenas se configura como heterossexual, mas também apresenta uma forte tendência à heteronormatividade. Os livros didáticos refletem e perpetuam a heteronormatividade em diversas dimensões, como nos padrões de representação de gênero e estruturas familiares, nos discursos sobre afetos e até mesmo na exclusão do tema da diversidade sexual. Essa tendência à heteronormatividade se manifesta através do silenciamento em relação a essa temática: a ausência de personagens gays nas obras literárias

e a falta de representação de relações homossexuais nos textos sobre orientação sexual. Desde uma idade precoce, as crianças são ensinadas a compreender o mundo social por meio da dicotomia de gênero, perpetuando assim a heteronormatividade (Lionço; Diniz, 2008).

Como a identidade homossexual é visto como não natural e diferente da comum, é necessário que os indivíduos gays se identifiquem com seus semelhantes, criando um grupo mais forte e capaz de veicular uma imagem própria, como um contraponto à heteronormatividade. (Lau; Ferreira, 2015, p.5).

Um elemento adicional que merece destaque é a repercussão exercida pela mídia e pela indústria cultural no processo de configuração e consolidação dessas identidades. Nesse contexto, torna-se imperativo explorar as análises propostas por Adorno e Horkheimer (2017).

No capítulo "A indústria cultural: O esclarecimento como mistificação das massas" os autores investigam de forma sistemática as complexas relações entre indivíduo e sociedade como sendo partes de um conjunto de práticas de um sistema capitalista liberal onde o sujeito torna-se produto e capital vivo. Costa (2003), em outras palavras afirma que:

A indústria cultural pode ser definida como o conjunto de meios de comunicação como, o cinema, o rádio, a televisão, os jornais e as revistas, que formam um sistema poderoso para gerar lucros e por serem mais acessíveis às massas, exercem um tipo de manipulação e controle social, ou seja, ela não só edifica a mercantilização da cultura, como também é legitimada pela demanda desses produtos. (p.2)

"A indústria cultural realizou maldosamente o homem como ser genérico. Cada um é tão somente aquilo mediante o que pode substituir todos os outros: ele é fungível, um mero exemplar" (Adorno; Horkheimer, 2017, p.68). A ideologia, quando reduzida a um discurso amplo e não comprometido, não adquire maior clareza ou enfraquecimento. Pelo contrário, sua característica nebulosa e a relutância em se apegar a quaisquer afirmações não empiricamente comprováveis servem como mecanismo de controle.

A sobrevivência do pensamento crítico é prejudicada em uma sociedade na qual os indivíduos se convertem em veículos passivos de mensagens que os atraem através da promoção de uma integração muitas vezes acrítica em um coletivo que é dirigido por um comando autoritário. "Diante desse conturbado contexto, a mercantilização da produção simbólica possui duas tarefas fundamentais: a integração e a reconciliação forçada entre os grupos sociais desiguais entre si" (Zuin, 2001, p.12). Ainda segundo o autor, neste domínio permeado por clichês, qualquer conteúdo que se disponha a ser divulgado já está previamente delimitado a ponto de não poder emergir sem apresentar antecipadamente as características e os padrões que estão conformados pelo chamado "gosto popular". Assim sendo:

Diante desse quadro, poder-se-ia concluir que a produção e reprodução da Indústria Cultural precisariam de consumidores passivos. Mas talvez fosse correto o raciocínio contrário: os indivíduos necessitam combater, principalmente em si próprios, de forma enérgica, qualquer tipo de práxis contrária à integração pelo consumo. Para poder ser passivo, o indivíduo deve antes vivenciar ativamente a negação de si mesmo. (Zuin, 2001, p.14).

Zuin (2001) ainda afirma que é preocupante perceber que o aumento na disseminação da lógica do equivalente está limitando cada vez mais as chances de emancipação cultural através das ideias. Por isso, é importante adotar uma postura crítica, especialmente quando a tecnologia se espalha e faz parecer que a produção cultural está se tornando mais democrática. Ainda segundo o autor:

A fissura entre a promessa da democratização da cultura e a consequente universalização da formação é fator indicativo da cumplicidade entre o discurso oficial emancipatório e as relações materiais que se aferram na dominação e na exploração das naturezas interna e externa. A sociedade tecnificada, a qual se afasta cada vez mais da sua função original de contribuir para o fim das necessidades, exige a manutenção do sofrimento humano para a consagração de sua existência. (p.15)

Portanto, no contexto dessa contínua produção, as relações entre identidades e sexualidades são influenciadas e mediadas pelos significados culturalmente compartilhados em relação às sexualidades, bem como por sistemas de representação que selecionam quais comportamentos devem ser mais valorizados em detrimento de outros. Em suma, o argumento em questão é o seguinte: as identidades tradicionais que, por muito tempo, serviram para estabilizar o mundo social, estão perdendo sua relevância, dando origem a novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, anteriormente considerado um sujeito unificado. Juntamente às novas identidades tais representações são "construídas conforme as relações entre pessoas e grupos, capazes de ressaltar valores comuns da sociedade em questão" (Heleno, Reinhardt, 2019, p.117). Hall (2015) corrobora com o argumento afirmando que:

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. (p.2).

Surgimento Do Movimento LGBTQIAP+

O advento dos movimentos sociais têm introduzido novas possibilidades às sociedades por meio de experiências práticas. No contexto brasileiro, essas modalidades de engajamento têm desempenhado um papel relevante no processo de democratização da sociedade, promovendo a inclusão das minorias na esfera pública. Tais movimentos também promovem uma revisão crítica de conceitos fundamentais relacionados à prática política. Contudo, é crucial reconhecer que cada movimento possui características particulares que não podem ser negligenciadas. O movimento LGBTQIAP+, como exemplo, ilustra a insuficiência de um enquadramento genérico. As demandas desse movimento devem ser entendidas como possuindo natureza tanto econômica e estrutural quanto simbólico-cultural (Machado; Prado, 2005).

Segundo Santos (2003), dentro de um contexto caracterizado pela predominância da ordem neoliberal global, as minorias emergem como atores e atrizes contra poderosos cuja capacidade de resistência e desafio pode efetivamente levar a uma reconfiguração das normas estabelecidas. Para além da reiteração de aspectos amplamente documentados, torna-se imperativo indagar se as estruturas opressivas que circundam esses movimentos sociais invariavelmente carregam o potencial para a consecução da emancipação.

Os sistemas de desigualdade e exclusão que permeiam nossa vida cotidiana resultam de intrincadas redes de poder, através das quais grupos detentores de autoridade constroem e impõem sistemas linguísticos, ideológicos e sistemas de crenças que implicam a rejeição, marginalização ou silenciamento de qualquer perspectiva que lhes seja contrária. Este processo enraizado na história é caracterizado por uma hierarquização, onde uma cultura, por meio de um discurso considerado como verdade, estabelece proibições e repulsas, delineando fronteiras além das quais qualquer ato é tido como transgressão. Em resumo, é por meio dessas normas que grupos afetados por essas regras são empurrados para a periferia da heterotopia (Santos; Fontes, 2000).

Ao se empreender a tarefa de conceituar o que englobamos precisamente sob a nomenclatura "LGBTQIAP+", deparamo-nos com alguns dilemas, os quais nos conduzem à percepção da potencial artificialidade dessa unidade. Isso se deve ao fato de que, sob essa ampla categorização, encontramos uma variedade de grupos independentes que buscam promover seus próprios objetivos e, ocasionalmente, colaboram em ações conjuntas quando viável (Machado; Prado, 2005). Para uma reflexão sobre a formação da identidade coletiva do movimento, é necessário examinar como esses grupos se originam, estabelecem suas redes

sociais, elaboram regulamentações para suas interações e como interagem com o aparato estatal.

Facchini e França (2009) relatam que o denominado "movimento homossexual" surgiu no Brasil no final da década de 1970. Durante o século XX a categoria "homossexual" popularizou-se, chegando ao senso comum. Nesse contexto, o surgimento do movimento decorre de um processo de confronto entre dois modelos de categorização da sexualidade: o primeiro, tradicional, em que "parceiros numa relação entre pessoas do mesmo sexo são hierarquizados e respectivamente relacionados a papéis sociais e sexuais relativos aos dois sexos biológicos" (p.58) e o moderno em que "os parceiros são vistos a partir de uma lógica igualitária e a orientação do desejo se torna mais importante para nomeá-los do que papéis sociais relativos a masculino e feminino" (p.59).

Na segunda metade da década de 1970, à medida que se tornou viável uma revitalização do movimento estudantil, os valores emergentes entre a juventude não deixaram de se expressar, resultando em mudanças significativas no pensamento e comportamento dos ativistas políticos. Uma forma significativa de desafio cultural estava relacionada à esfera da sexualidade e à contestação dos papéis sexuais convencionais. A separação entre a sexualidade e a reprodução, facilitada pela introdução da pílula anticoncepcional, juntamente com uma crescente contestação da moral tradicional e uma maior tolerância por parte das famílias, contribuiu para tornar a vida sexual dos jovens brasileiros mais aberta e libertária (Macrae, 2018).

Ainda segundo o autor, ao mesmo tempo em que ocorrem mudanças no nível social mais amplo, ao longo do tempo, também foi modificada a maneira pela qual as pessoas homossexuais percebem a si mesmas e se relacionam entre si. Macrae (2018) evidencia que: "Com o declínio da influência da religião cristã e do seu papel de valor normativo da sociedade de consumo urbana, há uma tendência a deixar de ver o prazer sexual como intrinsecamente pecaminoso" (p.122).

A emergência do jornal "Lampião da Esquina" durante 1978 a 1981, como um veículo de imprensa alternativa desencadeou uma mudança significativa no período do regime militar, desafiando a moral predominante da época e dirigindo-se ao público homossexual, que até então era frequentemente estigmatizado como "frívolo, apolítico ou patologicamente decadente" (Macrae, 2018, p.143). É importante notar que uma parcela substancial dos artigos publicados neste jornal foi escrita por mulheres, uma vez que o "Lampião" adotava valores contraculturais e buscava amplificar a voz dos segmentos oprimidos da sociedade. Assim:

(..)pretendia-se colocar os homossexuais como uma entre outras minorias oprimidas, todas com direito à sua voz, para poderem lutar por sua realização plena. Esse “dar voz às minorias” também incluiria falar livremente sobre o sexo. Reforçando a sua posição de colocar a discussão da homossexualidade dentro de um contexto social mais amplo(..) (Macrae, 2018, p.147)

Embora o "Lampião da Esquina" possa não ter alcançado pleno sucesso em transcender suas raízes específicas, ele, sem dúvida, empreendeu esforços para iniciar um diálogo sobre outras "questões minoritárias". Isso se justifica na medida que:

Desde o seu primeiro editorial, Lampião já manifestara claramente a ênfase a ser dada à discussão da questão homossexual. Pretendia desmontar a imagem padrão do indivíduo que, sentindo atração física por outros do seu próprio sexo, seria um amaldiçoado, incapaz de auto realização e com tendências a rejeitar a sua sexualidade. Portanto, sempre houve uma intenção de falar livremente a respeito de sexo, ridicularizando os tabus sociais e ressaltando os seus aspectos criativos e prazerosos. (Macrae, 2018, p.148).

Ainda sobre o clima social que propicia o surgimento de movimentos homossexuais no Brasil, Green (2015) relata que:

O ano de 1978 foi um ano mágico para o Brasil. Após mais de uma década do regime militar, a queda dos generais parecia iminente. Centenas de milhares de metalúrgicos, após anos de silêncio, cruzaram os braços para protestar contra a política salarial do governo. Estudantes encheram as ruas das maiores cidades brasileiras com gritos de “Abaixo a Ditadura!”. Estações de rádio começaram a tocar músicas censuradas, e estas se tornaram as canções mais populares no país. Negros, mulheres e até mesmo homossexuais começaram a se organizar, exigindo ser ouvidos. (p. 273).

O termo "Grupo de Afirmação Homossexual", posteriormente conhecido como SOMOS, foi empregado pela primeira vez durante um debate no Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo em 1979. Esse debate fazia parte de uma série de discussões sobre a organização das "minorias" no Brasil, abrangendo mulheres, negros e negras, povos indígenas e homossexuais. Esse tornou-se um marco em que o movimento de gays e lésbicas no Brasil assumiu publicamente sua identidade e objetivos. Nesse debate, Green (2015) comenta que:

O painel sobre homossexualidade contou com a presença de editores do jornal Lampião e de membros do Somos. Mais de 300 pessoas lotaram o auditório. A discussão que se seguiu foi eletrizante, com a troca de farpas e acusações entre os estudantes de esquerda e os representantes homossexuais. Pela primeira vez, lésbicas falavam abertamente sobre a discriminação que encontravam. Estudantes gays reclamavam que a esquerda brasileira era homofóbica. Defensores de Fidel Castro e da revolução cubana argumentavam que a luta por direitos específicos, contra o sexismo, racismo e homofobia, iria dividir a esquerda. Eles argumentavam que o povo devia se unir na luta geral contra a ditadura. (p.274).

Segundo Borges *et al.* (2019) os movimentos homossexual, feminista e negro desafiaram a prática política tradicional de esquerda, que idealizava a utopia de um único projeto voltado para a "luta maior", ou seja, a luta de classes, como o meio primordial para alcançar as transformações necessárias. Nesse contexto, o movimento homossexual brasileiro estabeleceu parcerias com essas outras iniciativas (feministas e negras). O símbolo desse coletivo de mobilização era encapsulado pelo uso do pronome "TODOS", cujo objetivo era conscientizar todas as pessoas sobre as injustiças sistêmicas perpetuadas pelo Estado de repressão. Borges *et al.* (2019) nesse sentido afirma:

Ao entendermos o ser humano como constituído de identidades múltiplas, e, portanto, atravessado por vivências e subjetividades diversas, evidenciamos que a temática da identidade era potencializada nesse momento por meio dessas redes interseccionais, promovendo debates e ações que alargassem a atuação das minorias. (p.204).

Fora do Brasil, segundo Molina (2011), os primeiros esforços de organização de um movimento homossexual em prol da luta contra a discriminação e pela reivindicação de direitos tiveram origem na Europa, abrangendo o período entre 1850 e 1993. Esses movimentos surgiram como resposta às legislações que criminalizavam os atos sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Outro período crucial ocorreu na Alemanha em 1933, com a ascensão do regime nazista, durante o qual mais de 200 mil homossexuais foram vítimas de perseguição e morte.

No entanto, a data que se consolidou como um marco na história do moderno movimento gay global foi 28 de junho de 1969, quando ocorreu a revolta da comunidade em resposta às arbitrarias batidas policiais no bar *Stonewall*, localizado em Nova Iorque. Reis (2007) relata que:

No primeiro aniversário da rebelião, 10 mil homossexuais, provenientes de todos os estados norte-americanos marcharam, sobre as ruas de Nova Iorque, demonstrando que estavam dispostos a seguir lutando por seus direitos. Desde então, "28 de junho" é considerado o Dia Internacional do Orgulho GLBTT. (p.90).

No final dos anos 1980 e, principalmente, durante a década de 1990, o movimento LGBTQIAP+ começou a ressurgir em mobilizações significativas. Uma corrente de pensamento argumenta que a experiência de enfrentamento da AIDS possibilitou ao movimento desenvolver habilidades organizacionais e de gestão de organizações não governamentais (ONGs), bem como expertise na organização de campanhas de massa. Dessa

forma, a luta contra a AIDS acabou servindo inadvertidamente como uma "escola" para a criação de grupos LGBTQIAP+ (Reis, 2007).

Nos anos 1990, surge em São Paulo a "Associação da Parada do Orgulho GLBT", que representou um marco significativo nas experiências da comunidade na metrópole paulistana, configurando um novo cenário para as vivências relacionadas à homossexualidade. (Trindade, 2011). Nesse artigo o autor alega que: "o sucesso da primeira edição da Parada do Orgulho Gay, que conserva ainda seu formato e consagrou a Avenida Paulista como centro nervoso dessa manifestação, abriu novos canais de comunicação entre os ativistas e outras instituições." (p.78).

Assim, Trindade (2011) evidencia que os sucessos das paradas do orgulho realizadas no Rio de Janeiro e, especialmente, em São Paulo, promoveram mudanças significativas nas representações predominantes da homossexualidade, tanto dentro quanto fora da comunidade LGBTQIAP+. Não se tratava mais de indivíduos que buscavam o anonimato devido ao medo de violência e repressão. Se as pessoas eram atraídas pela celebração festiva ou pela militância, isso não importava mais. Estavam nas ruas, assumindo publicamente sua homossexualidade, expressando orgulho e fortalecendo não apenas os militantes experientes, mas também a todos os presentes. "A opção por manter-se invisível ou não é uma escolha subjetiva e individual, como observamos em cena, cada um escolhe a opção que mais lhe cabe conforme suas experiências (...)" (Ortolano, 2013, p.111 *apud* Cantril, 1969).

Apropriação Cultural E Expropriação Da História

Hall (2023), quando aborda as revoluções culturais contemporâneas, sustenta a perspectiva de que os seres humanos são agentes interpretativos essencialmente envolvidos na atribuição de significado. Portanto, a ação social adquire uma dimensão significativa tanto para seus protagonistas como para os observadores externos. O autor enfatiza a presença de múltiplos sistemas de significado que desempenham um papel fundamental na interpretação, codificação e regulamentação das interações entre indivíduos. Esses sistemas conferem significado às nossas próprias ações e, simultaneamente, facultam a compreensão significativa das ações executadas por outros. Esse intrincado conjunto de sistemas constitui o substrato fundamental das culturas contemporâneas.

A partir do século XX, tem-se verificado uma transformação cultural que ele denomina de "revolução cultural", caracterizada pela expansão do domínio ocupado por atividades, instituições e práticas culturais para além dos limites anteriormente estabelecidos. De maneira análoga, a cultura tem adquirido uma relevância significativa no que concerne à

estrutura e organização da sociedade contemporânea. Essa mudança é impulsionada, em grande parte, pelo crescimento exponencial dos meios de produção, catalisado pelas tecnologias e pela revolução da informação.

Atualmente, os meios de comunicação desempenham um papel fundamental na manutenção dos sistemas globais de intercâmbio econômico que sustentam o fluxo global de informações, conhecimento, capital, investimentos, fabricação de produtos, comércio de matérias-primas e promoção de produtos e conceitos. Em outras palavras:

A mídia encurta a velocidade com que as imagens viajam, as distâncias para reunir bens, a taxa de realização de lucros (reduzindo o "tempo de turnover do capital"), e até mesmo os intervalos entre os tempos de abertura das diferentes Bolsas de Valores ao redor do mundo. (Hall, 2017, p.18)

É precisamente neste contexto que as transformações culturais globais exercem influência sobre os estilos de vida, a maneira como as pessoas atribuem significado às suas vidas e suas perspectivas para o futuro, afetando assim a "cultura" em um contexto mais regional ou local. A principal consequência dessa perspectiva é a propensão à homogeneização cultural. Entendida por Malvetano (2018) como:

[...] um aspecto, ou melhor, uma tendência da globalização, e refere-se à redução da diversidade cultural através da difusão de um modo de ser: das formas musicais, arquiteturas e modos de vestir aos hábitos alimentares, idiomas, religiões, filosofias e valores culturais. David E. O'Connor define-o como "o processo pelo qual as culturas locais são transformadas ou absorvidas por uma cultura externa dominante". (p.2).

Neste cenário de homogeneização a apropriação cultural surge através da falsa prerrogativa de emancipação que, na verdade, reduz a diversidade cultural a um mercantilismo neoliberal que utiliza dos aspectos sócio-simbólicos das ditas minorias a fim de propiciar a manutenção e reforço das estruturas de poder vigentes.

William (2019), afirma que para que se entenda apropriação cultural é necessário compreender o fenômeno de aculturação definido pela "fusão de duas ou mais culturas diferentes a partir de um contato permanente que gera mudanças em seus padrões culturais" (p.21). Na mesma esteira, Schaden (1969) compreende que:

Como os demais processos no domínio da cultura, o da aculturação se passa a um tempo na personalidade e fora dela, na configuração cultural e fora dela, na sociedade e fora dela. Só lhe compreenderá a realidade viva quem lhe reconhecer a tríplice natureza, que se funde numa unidade. (p.2)

Ainda segundo William (2019) a noção de aculturação envolve a integração total de grupos com características culturais distintas, o que a distingue claramente do fenômeno de apropriação cultural. A fusão de tais grupos pode levar à extinção de um ou ambos os grupos, ou ainda, a uma persistência equilibrada, dependendo das dinâmicas sociais envolvidas.

A apropriação cultural por sua vez envolve outros mecanismos. É importante ressaltar que "não há apropriação cultural quando um grupo marginalizado é forçado a assimilar traços de cultura daqueles que o dominam para sobreviver, como ocorreu durante todo processo de colonização, em especial na escravidão" (William, 2019, p.22). Isto posto, é relevante enfatizar a importância de uma análise crítica e contextualizada para compreender a complexidade do fenômeno. As relações de poder desiguais estão no cerne da apropriação cultural, sendo essencial considerar o contexto histórico, social e político em que ocorre.

Cerqueira Luz e Luz (2022) afirmam que a apropriação cultural relaciona-se, inquestionavelmente a um instrumento perverso de opressão no qual o grupo hegemônico, dotado de poder capitalista, subtrai indevidamente a cultura subalternizada, resultando em uma descaracterização de seus significados, tradições e costumes fundamentais.

Concomitantemente à análise dessas definições, faz-se imperativo levar em conta a emergência de um outro fenômeno que Dal (2014) descreve como *cibercultura*. De acordo com o autor a *cibercultura*:

Pode ser considerada como um aspecto da sociedade em rede ou ciberespaço. Trata-se de um novo espaço de interações proporcionado por uma nova realidade (sociedade em rede) ou pela realidade virtual (ciberespaço). O termo cibercultura é tratado também como cultura digital, cultura virtual, cultura cibernética ou cultura da informática. (Dal, 2014, p. 50)

Deste modo, o atual panorama tecnológico propicia uma redefinição dos papéis tradicionais desempenhados por produtores e consumidores no âmbito do sistema midiático, ao mesmo tempo em que está criando a possibilidade de uma reestruturação das relações de poder subjacentes a essas dinâmicas comunicacionais. É possível verificar um reconhecimento crescente das contribuições realizadas por grupos populacionais historicamente marginalizados, bem como uma percepção cada vez mais nítida acerca do poder econômico que tais segmentos podem exercer (Alves, 2019, p.44).

Considerando o que foi exposto anteriormente, é viável estabelecer uma conexão entre o crescimento e a afirmação cultural de grupos minoritários e a prática da apropriação cultural. Ao se manifestarem, tais identidades contribuem para a definição de novas relações de poder complexas, afinal, apesar de ainda se manterem historicamente subservientes ao

padrão social heteronormativo branco, em conjunto com a lógica capitalista que impera no mercado, acabam por gerar novas tendências que desconsideram os significados intrínsecos a cada manifestação desses grupos.

É necessário compreender de maneira mais abrangente as razões pelas quais as singularidades do movimento LGBTQIAP+ despertam tanto interesse por parte das classes dominantes. Nesse contexto, Abib (2015) argumenta que esse fenômeno está relacionado às diversas interações nas quais a cultura popular está imersa na contemporaneidade, especialmente no que diz respeito aos processos de apropriação cultural. Contudo, é imperativo considerar as múltiplas dimensões em que a cultura se encontra envolvida. O autor cunha o termo "mídia-tização" para descrever essa tendência, a qual implica, por um lado, uma estratégia de adaptação, na medida em que cada vez mais as culturas são moldadas a partir da perspectiva de grupos minoritários marginalizados e, por outro lado, uma análise das entidades verdadeiramente beneficiadas por essas produções culturais a serem comercializadas. Em outras palavras, quem são os verdadeiros ganhadores por trás dessas culturas que estão destinadas ao mercado.

Assim sendo, a apropriação cultural se manifesta em múltiplos domínios, abrangendo áreas como a moda, a música, a linguagem e os meios de comunicação. Neste contexto, o presente estudo visa direcionar a atenção para algumas das manifestações mais concretas de apropriação cultural, buscando exemplificá-las e analisar as implicações decorrentes desses fenômenos.

Para compreender o exemplo de apropriação cultural a ser exposto, é preciso entender a priori a historicidade do movimento de *ballroom* e sua importância à comunidade LGBTQIAP+ como um todo.

A *ballroom*, conforme é frequentemente denominada, persiste desde aproximadamente meados da década de 1970 como uma manifestação artística que desafia as convenções culturais predominantes. Enraizada no contexto sociocultural dos Estados Unidos, caracterizado por uma série de desafios sociais, a cultura da *ballroom* se desenvolveu como competições realizadas em áreas periféricas e como um meio de proporcionar acolhimento a indivíduos marginalizados pela sociedade (Estevam; Gerald, 2021).

Movidos pelo anseio de pertencimento, esse grupo social estabelece fundamentos de apoio mútuo, os quais se manifestam por meio de instituições não apenas voltadas para o entretenimento, mas também como espaços de refúgio, mesmo que essa referida área seja considerada periférica.

Estevam e Geraldles (2021) ainda afirmam que é evidente o potencial transformador dessa cultura por meio da comunicação. Dentro do contexto de *ballroom*, a linguagem se reveste de novos significados por meio de constantes ressignificações e repetições, com o objetivo de alterar historicamente a conotação pejorativa associada a certas expressões, como "viado" ou "travesti". É crucial observar que essa reconfiguração linguística ocorre dentro de um ambiente que é criado e mantido por indivíduos que são alvos da lógica hegemônica que busca rebaixar tais termos.

A maneira como a identidade e a experiência desses indivíduos influenciam a sua maneira de existir no mundo, seja através da linguagem, dos gestos, da vestimenta ou do ambiente, reforça a importância de entender o contexto histórico do movimento como uma forma de resistência. Assim, ao ser assimilada pela cultura predominante, essa "subcultura" pode, em certos casos, resultar na marginalização dessa população, elevando aqueles que conseguiram popularizar essa cultura junto às massas, em contraste com aqueles que verdadeiramente fazem parte do movimento. Um exemplo notório de apropriação no que cerceia a cultura de *ballroom* é da cantora Madonna com a música "*Vogue*" nos anos 1990. Silva (2022) relata que:

O estilo de dança *Vogue*, popularizado pela música de mesmo nome da Madonna, nos anos 1990, foi originado no Harlem na década de 1970. Começou na prisão de *Riker's Island* em uma época em que os presidiários heterossexuais eram separados de seus colegas *queer*. Esses presos, em sua maioria negros e latinos, criaram um 'jogo' em que imitavam as poses e fotos da revista *Vogue*, vendo quem melhor se adequava ao visual, com referências do militarismo e estéticas da antiguidade, por exemplo, as egípcias (p.23).

Ainda segundo Silva (2022) quando se menciona a palavra "*Vogue*", é comum associá-la à revista ou à música, ambas exercendo influência sobre e sendo influenciadas pela cultura em geral. A trajetória da artista sempre refletiu um profundo senso de diversidade cultural, com raça, etnia e gênero desempenhando um papel central e consistente em sua identidade artística. Sua relação com culturas urbanas é um tema recorrente de discussão, com noções de apropriação e empréstimo sendo as mais controversas entre aqueles que debatem sobre Madonna. "Contudo, após essa revolução midiática em cima da *Ballroom*, *Vogue* ficou conhecido com a imagem de uma mulher cisgênera branca e perdeu suas características" (Silva, 2022, p.24).

Ainda no contexto do movimento de emancipação LGBTQIAP+ a partir da década de 1970, é observável uma dinâmica adicional relacionada à aquisição e utilização de elementos culturais, concentrando-se, em grande parte, na apropriação do "vocabulário" gay e a

performances de feminilidade e/ou masculinidade relativas às vivências marginalizadas dessa população.

Para ilustrar as complexidades subjacentes a esse processo de apropriação, começarei por examinar o pajubá como um meio de explorar as redes de interação entre culturas marginalizadas e modalidades de expressão por meio da linguagem.

Definido essencialmente como um idioma composto por termos e expressões originados de línguas africanas, o pajubá é amplamente utilizado em práticas religiosas como o candomblé e a umbanda. No contexto da comunidade LGBTQIAP+, a palavra "pajubá" refere-se ao conjunto de palavras e expressões utilizadas por esse grupo, representando uma espécie de linguagem específica para a comunidade gay. A aproximação de indivíduos homossexuais aos terreiros de candomblé ocorre, em grande parte, devido à aceitação que encontram nesses ambientes, ao contrário das vivências em religiões predominantemente católicas. Consequentemente, é possível identificar que o vocabulário de origem iorubá empregado nos terreiros de candomblé desempenhou um papel influente no desenvolvimento de uma linguagem codificada utilizada pela comunidade LGBTQIAP+ (Netto, 2018).

Alguns exemplos de palavras são: "báfohùn / bafo" que no iorubá significa conversar e no pajubá pode significar "contar uma fofoca" ou um "fato que pode dar o que falar" (p.10). "Báfà/ Bafafá" que no iorubá significa "discutir, conversar" e no pajubá pode significar "confusão" (p.11). "Àmoná / mona" que no iorubá significa "guia, líder, chefe" e no pajubá pode significar mulher "mas é frequentemente usado para denominar homossexual masculino" (p.13).

Há inúmeros contextos em que essas terminologias são incorporadas, seja em obras televisivas, notadamente por personagens que se identificam como mulheres heterossexuais cisgêneras³, ou por personagens gays que adotam estereótipos extremamente caricatos⁴.

Moura e Nascimento (2021) afirmam que no contexto social, a manifestação de traços afeminados por parte de homens é geralmente considerada inaceitável, resultando em um *status* depreciado, uma vez que tais características são associadas à passividade e fragilidade, situando-os em uma posição inferior à feminilidade atribuída às mulheres. No entanto, os homens com traços femininos desempenham um papel no reforço dos padrões de masculinidade hegemônica, uma vez que eles são exemplos de como um homem masculino

³ Personagem "Jéssica" da série "Vai que Cola" de Leandro Soares exibida em 2013 no Multishow.

⁴ Personagem "Félix" da novela "Amor à vida" de Walcyr Carrasco exibida em 2014 na Rede Globo.

não deve se comportar, não deve ser e de quais modelos de referência não devem se afastar. Nessa perspectiva Reis (2013) afirma que:

Em alguns contextos, como no trabalho ou na casa dos pais, a *gaycidade* é parcialmente suprimida e os códigos da masculinidade relacionados à maneira de vestir, de falar e exibir o corpo prevalecem na performance. Entre amigos e nos circuitos gays, os códigos da *gaycidade* se tornam mais evidentes, mas se mantém o cuidado para não parecer afeminado ou “afetado” (p.48).

A problemática não reside na determinação de quem possui o direito de empregar esses vocabulários em suas interações diárias, mas sim na questão do apagamento e na redução da relevância quando tais expressões são adotadas, principalmente por indivíduos pertencentes às classes sociais dominantes.

Por fim, analisando um contexto mais recente, Alves (2019) aborda o termo "*pink money*" que surge no final da década de 2010 como um conceito criado por especialistas em economia que observaram o potencial de consumo presente no público LGBTQIAP+ e, a partir disso, passaram a investir em produtos e ações específicas direcionadas a esse segmento.

Alves (2019) corrobora com sua argumentação trazendo dois exemplos de apropriação cultural e *pink money* em seu artigo, sendo eles:

O caso do cantor Nego do Borel, cujo videoclipe da canção "Me Solta" o apresentou caracterizado com vestuário feminino, adotando maneirismos e comportamentos nitidamente associados a experiências relacionadas à orientação sexual homossexual. Em determinado momento desse vídeo, Nego do Borel protagoniza um beijo com outro homem. Nesse contexto, o cantor foi alvo de intensas críticas, sendo acusado de explorar a temática LGBTQIAP+ como um meio de promover a sua própria imagem, sem demonstrar um genuíno comprometimento com o respaldo à representatividade, muito menos com o movimento gay. É importante ressaltar que, apesar das controvérsias, a canção alcançou o topo das paradas musicais, e a interpretação de Nego do Borel foi alvo de zombarias por parte do público e da crítica⁵.

E o caso da cantora Jojo Todynho, que lançou uma música intitulada "Que tiro foi esse, viado?". A artista alegou que sua intenção era prestar uma homenagem à comunidade LGBTQIAP+, contudo, as motivações tanto de Jojo quanto de Nego do Borel suscitam

⁵ Precedendo os casos de Jojo e Nego, é possível observar que cantores assumidamente heterossexuais, a exemplo de Claudia Leitte, Valesca Popozuda, Lucas Lucco e outros, buscaram alcançar o sucesso na indústria musical ao incorporar aspectos da cultura LGBTQIAP+, incluindo suas expressões linguísticas e jargões distintos.

questionamentos, especialmente no que se refere às suas atitudes fora dos holofotes. As críticas direcionadas a Nego do Borel ganharam maior intensidade quando ele manifestou apoio ao então candidato eleito à presidência da república, Jair Messias Bolsonaro, que era conhecido por suas posições abertamente homofóbicas.

Embora seja possível enxergar tal fato de maneira otimista, com a possibilidade de gerar visibilidade e representatividade para a sigla, há uma ressalva a ser considerada : "até que ponto é levantada a bandeira da diversidade para ajudar de fato a comunidade LGBTQIAP+ a diminuir seus índices de violência, assassinatos, abandono familiar, depressão, suicídio, etc., ou se trata de oportunismo mercadológico?" (Alves, 2019, p. 45).

Considerações Finais

É desafiador condensar a complexa identidade coletiva da comunidade LGBTQIA+ em uma única palavra ou termo, assim como não é possível simplificar a identidade individual dessa maneira. Esta comunidade é diversificada, composta por pessoas com experiências únicas e perspectivas divergentes sobre uma realidade compartilhada. Ela vai além da mera resistência ao preconceito, abraçando valores de inclusão, representatividade e também se manifestando como um movimento político em defesa dos direitos de todos os seus membros, idealmente sem exceções.

Da mesma forma, os meios de comunicação exercem um poder incontestável e frequentemente disseminam ideias que não necessariamente refletem a consciência coletiva. Isso afeta a compreensão da autêntica identidade da comunidade LGBTQIAP+, incluindo mesmo aqueles que fazem parte dela. Esse impacto se traduz em um padrão de comportamento que promove exclusão e preconceito, o que se reflete nas tensões internas da própria comunidade, resultando na divisão das categorias mais marginalizadas, particularmente travestis, pessoas transexuais e transgêneras, que representam a maioria dessas categorias marginalizadas dentro da comunidade.

Seria extremamente benéfico se houvesse uma solução concreta para os desafios mencionados, entretanto, estamos lidando com uma temática complexa que ainda não recebeu a devida atenção. A intrincada rede de questões que se entrelaçam entre a sociedade, o indivíduo, a cultura e a mídia envolve questões de natureza estrutural, e à medida que aprofundamos nossa investigação, torna-se evidente a complexidade subjacente desses problemas que necessitam de um maior escopo para serem enfocadas.

Por fim, este estudo se empenhou em proporcionar uma análise reflexiva a respeito de questões contemporâneas, tais como a identidade, os grupos sociais e os sujeitos

marginalizados, com o propósito de estabelecer conexões entre a apropriação cultural dessas manifestações identitárias e as dinâmicas relacionadas à ampla sociedade, assim como demonstrar como as estruturas de poder estão intrinsecamente entrelaçadas com todos esses elementos.

Há várias temáticas que se encontram pendentes de análise sob a perspectiva de apropriação cultural, as quais, embora não tenham sido abordadas nesta pesquisa, não deixaram de ser objeto de reflexão. Dentre essas temáticas, destacam-se as questões sociais e raciais, o relevante papel do movimento feminista na evolução e compreensão das questões de gênero, bem como as razões subjacentes à proeminência do "G" no acrônimo LGBTQIAP+. A presente pesquisa, longe de esgotar essas possibilidades, incentiva uma busca contínua de conhecimento científico a partir desses contextos, os quais devem ser abordados de forma mais abrangente nas futuras investigações acadêmicas.

Referências Bibliográficas

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Cultura Popular e Contemporaneidade. **Patrimônio e Memória**, v. 11, n. 2, p. 102-122, 2015. Disponível em:

<https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/476/840>. Acesso em: 26 out. 2023..

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2017. 304 p. ISBN 9788537812024.

ALVES, Mateus Felipe. **Olhares cruzados**: o Pink Money e o movimento LGBT. 2019. 70 p. Trabalho de Conclusão de Curso — Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11624/2490>. Acesso em: 26 out. 2023.

ARANTES, Antonio Augusto. O Que é Cultura Popular. São Paulo: **Brasiliense**, 1990. 83 p. ISBN 9788511010367.

BORGES, Luiz Augusto; ZACCHI, Lara Lucena; ZANDONÁ, Jair. "QUEREMOS SER O QUE SOMOS": O MOVIMENTO HOMOSSEXUAL NO BRASIL (1964-1985). *In*: SCHEIBE WOLFF, Cristina; ZANDONÁ, Jair; DE MELLO, Soraia Carolina (org.). **Mulheres de Luta**: feminismo e esquerdas no brasil (1964-1985). Curitiba: Appris, 2020. p. 191-212.

BOTH, Valdevir. **O biopoder e o discurso dos direitos humanos**: um estudo a partir de M. Foucault. 2008. 121 p. Dissertação de mestrado — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008. Disponível em: <http://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2036?show=full>. Acesso em: 26 out. 2023.

CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. *In*: LANE, Silvia T. M.; CODO, Wanderley (org.). **Psicologia Social o Homem em Movimento**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 58-78.

DA COSTA, Alda Cristina Silva *et al.* Indústria Cultural: revisando Adorno e Horkheimer. **Movendo Ideias**, v. 8, n. 13, p. 13-22, 2003. Disponível em: <http://hdl.handle.net/praxis/467>. Acesso em: 26 out. 2023.

DAL, Jorge Luiz Garcia Van. **A COMUNICAÇÃO MERCADOLÓGICA NA SOCIEDADE EM REDE**: apropriação da cultura participativa pela publicidade. 2014.

DE SOUSA, Angélica Silva; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramango; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>. Acesso em: 26 out. 2023.

DOS SANTOS, José Luiz. **O Que é Cultura**. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996. 91 p. ISBN 9788511011104.

ESTEVAM, Aleson Lima Gomes; GERALDES, Elen. Vogue, logo, existo: A comunicação política-corporificada da Ballroom. **Anagrama**, v. 15, n. 1, p. 1-13, 28 jun. 2021. Disponível

em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-1689.anagrama.2021.186046>. Acesso em: 26 out. 2023.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins. De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios do Movimento LGBT brasileiro. **Sexualidad, Salud y Sociedad- Revista Latinoamericana**, n. 3, p. 54-81, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/SexualidadSaludySociedad/article/view/41/245>. Acesso em: 26 out. 2023.

FERREIRA, V. N.; PEREIRA, I. D. F. O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. **JMPHC | Journal of Management & Primary Health Care | ISSN 2179-6750**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 258–261, 2014. DOI: 10.14295/jmphc.v5i2.224. Disponível em: <https://www.jmphc.com.br/jmphc/article/view/224>. Acesso em: 24 out. 2023.

FINCO, Daniela. Homossexualidade e educação infantil: bases para a discussão da heterossexualização na infância. **Gênero**, v. 12, n. 2, p. 47-63, 2012. Disponível em: <https://ieg.ufsc.br/public/storage/articles/October2020/06052013-125346dossie-3.pdf>. Acesso em: 26 out. 2023.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1999. ISBN 9788570380111.

GREEN, James N. “Mais amor e mais tesão”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n. 15, p. 271–295, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635596>. Acesso em: 26 out. 2023.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 22, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361>. Acesso em: 26 out. 2023.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015. 64 pp. ISBN 978-85-8316-007-6

HELENO, Bárbara Lopes; REINHARDT, Rafaella Max. Apropriação Cultural: Novas Configurações das Identidades na Era da Globalização. **Cadernos de Estudos Sociais e Políticos**, v. 7, n. 13, p. 115-128, 14 jan. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/cesp.2017.37956>. Acesso em: 26 out. 2023.

LAU, Héilton Diego; FERREIRA, W. J. Estereótipos da comunidade gay enquanto ser virtual. **Comunicação e Gênero**, v. 7, p. 20, 2015.

LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora. HOMOFOBIA, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual. **Psicologia Política**, v. 8, n. 16, p. 307-324, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/131963>. Acesso em: 26 out. 2023.

LOPES, Oscar Guilherme. Gays afeminados ou a poluição homoerótica. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 7, p. 405, 18 maio 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/peri.v1i7.22287>. Acesso em: 26 out. 2023.

LUZ, Monica Abud Perez de Cerqueira; LUZ, Flávia Abud. Apropriação cultural e o mecanismo de opressão. **Educação**, 28 jun. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984644461877>. Acesso em: 26 out. 2023.

MACHADO, Frederico Viana; PRADO, Marco Aurélio Máximo. Movimentos homossexuais: a constituição da identidade coletiva entre a economia e a cultura. O caso de dois grupos brasileiros. **Interações**, São Paulo, v. 10, n. 19, p. 35-62, jun. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072005000100003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 out. 2023.

MACRAE, Edward. **Construção Da Igualdade-Política e Identidade Homossexual No Brasil Da Abertura**. [S. l.]: Universidade Federal da Bahia, Centro Editorial e Didactico, 2018. ISBN 9788523219987.

MALVETANO, Alessandro. **Globalização e Homogeneização Cultural**. 2018. 14 p. FUNDAÇÃO ARMANDO ÁLVARES PENTEADO, São Paulo, 2018.

MARTINS, Sueli Terezinha Ferreira. Psicologia social e processo grupal: a coerência entre fazer, pensar sentir em Sílvia Lane. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, spe2, p. 76-80, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-71822007000500022>. Acesso em: 26 out. 2023.

MOLINA, Luana Pagano Peres. A homossexualidade e a historiografia e trajetória do movimento homossexual. **Antíteses**, v. 4, n. 8, p. 949-962, 20 dez. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/1984-3356.2011v4n8p949>. Acesso em: 26 out. 2023.

MOURA, Renan Gomes de; NASCIMENTO, Rejane Prevot. O gay afeminado nas organizações: uma tensão permanente com padrões heteronormativos. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, n. 1, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n165840>. Acesso em: 26 out. 2023.

NETTO, Neurivan Gonçalves. **O percurso semântico de alguns vocábulos do pajubá: gírias faladas pelas bichas**. 2018. 17 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Português)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

NUSSBAUMER, Gisele Marchiori. **Cultura e identidade gay: a diferença do múltiplo**. In: Anais do XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Campo Grande/MS, setembro. 2001.

ORTOLANO, F. PSICOLOGIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS E AS PARADAS LGBT DE SÃO PAULO E CAMPINAS. **Revista de Estudos Universitários - REU**, Sorocaba, SP, v. 39, n. 1, 2013. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/1601>. Acesso em: 26 out. 2023.

PINHEIRO, Lisandra Barbosa Macedo. Negritude, apropriação cultural e "crise conceitual" das identidades na modernidade. **Simpósio Nacional de História**, 2015. Disponível em: https://snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1427821377_ARQUIVO_LISANDRA-TEXTO_COMPLETOANPUH2015.pdf. Acesso em: 26 out. 2023.

PRAUN, A. G. Sexualidade, gênero e suas relações de poder. **Revista Húmus**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2011. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/1641>. Acesso em: 26 out. 2023.

REIS, Diego Nunes. **Homens distintos** : consumo, construção do corpo e identidade gay viril. 2013. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, [s. l.], 2013. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/4717>. Acesso em: 26 out. 2023.

REIS, Toni. O movimento homossexual. **Homossexualidade e educação sexual**: construindo o respeito à diversidade. Londrina: EdUEL, p. 101-102, 2007.

SANTOS, Ana Cristina. Orientação sexual em Portugal: para uma emancipação. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**, p. 335-379, 2003.

SANTOS, Ana Cristina; FONTES, Fernando. Descobrindo o arco-íris: identidades homossexuais em Portugal. In: **Atas do IV Congresso Português de Sociologia: Sociedade Portuguesa: Passados Recentes, Futuros Próximos**. Associação Portuguesa de Sociologia, 2000.

SCHADEN, Egon. **Aculturação indígena**. Livraria Pioneira editora, Ed. da Universidade de São Paulo, 1969.

SILVA, Dayana Marques da. **Diversidade na mídia**: a imagem do gay estereotipado. 2016. 38 p. Teoria de Conclusão de Curso — Centro Universitário do Sul de Minas, Varginha, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unis.edu.br/handle/prefix/1010>. Acesso em: 26 out. 2023.

TRINDADE, Ronaldo. O mito da multidão: uma breve história da parada gay de São Paulo. **Gênero**, v. 11, n. 2, p. 73-97, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/rg.v11i2.332>. Acesso em: 26 out. 2023.

Universidade Metodista de São Paulo, [s. l.], 2014. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/695>. Acesso em: 26 out. 2023.

WILLIAM, Rodney. **Apropriação cultural**. São Paulo: Pólen Produção, 2019. 117 p. ISBN 978-85-98349-96-1.

ZUIN, ANTÔNIO ÁLVARO SOARES. Sobre a atualidade do conceito de Indústria Cultural. **Cadernos CEDES**, v. 21, n. 54, p. 9-18, ago. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0101-32622001000200002>. Acesso em: 26 out. 2023.